



Por uma cultura de paz

**141. RedeUnaViva: Meditação Cristã 141 – paragem 6-333 –
28.05.2017**

LUCAS 11:27-28

O FILHO DO HOMEM E A MÃE

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Qual é a importância de Maria, mãe de Jesus, contida na frase da mulher do povo?
2. Quando é possível receber a graça divina, a bem-aventurança?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. O que me cabe realizar para obter a graça, a bem-aventurança?

141.1 Introdução: O diálogo direto com uma mulher do povo.

Jesus estava em público oferecendo suas inolvidáveis lições. Desses colóquios tantas foram as vezes em que o povo se admirou da grandeza do seu ensino. De imediato, passemos três em revista.

Após o seminal Sermão do Monte, Mateus assinalou a reação espontânea do povo: **“porque ele ensinava como quem tinha autoridade e não como os escribas”** (7:29). Após a cura do cego e gago, Marcos deixou registrado: **“Fez bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem”** (7:37). E quando os fariseus questionaram os funcionários do sinédrio porque não o prenderam, foi João que nos mostrou outra dessas reações espontâneas: **“nunca homem algum falou como fala esse homem”** (7:45-46).

Após a cura do endemoninhado e o discurso cristalino que se seguiu, foco dos nossos últimos comentários, uma mulher do povo enaltece a sua grandeza, mirando na mulher que o gestou. É deste elogio que iremos nos ocupar na Meditação Cristã desta semana. Mas também cuidaremos da resposta criativa e esclarecedora vertida do iluminado, pois que deste flui sempre a viva presença de espírito. O Cristo rebate com frase inspirada que merece de nós uma pausa para reflexão alongada. Assim, poderemos apanhar seu significado profundo, nos dois versículos que Lucas nos oferece.



Por uma cultura de paz

141.2 Evangelho-parte 1: Uma mulher do povo exalta a mãe de Jesus (Mt, Lc)

Lucas 11:27-28
27. Aconteceu que, enquanto ele falava essas coisas, certa mulher do meio da multidão levantou a voz e disse-lhe "Feliz o ventre que te carregou e os seios que sugaste".
28. Mas ele respondeu: "Felizes, antes, os que ouvem o ensino de Deus e que despertam".

1. Ouvindo seus ensinamentos, uma mulher presente naquela multidão levantou a voz para abençoá-lo: “feliz o ventre que te carregou e os seios que sugaste”.

2. De pronto rebate o Mestre: “felizes, antes, os que ouvem o ensino de Deus e se despertam”.

141.3 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Qual é a importância de Maria, mãe de Jesus, contida na frase da mulher do povo?

Não resta dúvida quanto à condição de abençoada para Maria, mãe de Jesus, já ressaltada à época da concepção. A cristandade, afinada, soube por bem render-lhe homenagem e reverência, como se vê nas demonstrações de devoção tão comuns ao longo da sua história.

Certamente, Maria foi escolhida para o desempenho de tão especial missão, por ser Espírito integrado à elevada esfera que compõe a família do Cristo. Precisou descer à Terra duas décadas antes, para preparar e dispor seu corpo a uma gestação divina.

Não partilhamos da ideia que afirma sua condição de virgem, a não ser que tal adjetivo se aplique à pureza de sua alma. Não patrocinaria o Cristo qualquer revogação das leis naturais para demarcar seu nascimento no campo da exceção. Prova disso está na natureza de seu desencarne. Foi assassinado com requintes de crueldade, sem que fizesse uso de qualquer poder especial – que detinha – para fugir a pungência de uma materialidade que lhe constrangeu o Espírito, afinada a um tipo de sacrifício, reservado aos animais e consagrada na Tradição. Por isto, antecipadamente esteve muito bem cognominado como “o cordeiro de Deus”.

Foi, pois, gestado, parido e, como todo ser humano, morto. Não de morte natural, já que aceitou ser julgado, condenado e executado por decisão político-religiosa.

Faz jus que se olhe para o quê esta mulher do povo aponta – a sagrada condição de sua mãe, Maria. Jesus não negaria a grandeza da mãe nem o amor a ela dispensado.



Por uma cultura de paz

Um amor que, por ser tão genuíno e transcendente, acaba dificultando à maioria dos mortais seu completo entendimento. Não iremos, pois, encontrar no Cristo encenações de mimo excessivo e forjado. Em extremo, podemos até destacar três episódios que parecem indicar o contrário.

O primeiro, em uma festa, portanto, em ocasião pública, procede de favores extras que ela lhe solicita. Extraordinários, mesmo. Sua resposta deixa qualquer cristão em apuros para explica-lo, por parecer esnobação despropositada. É que o Espírito iluminado não se dobra ao julgamento cujas referências se enquadrem na circunscrição material e cultural. Seu detalhamento, elaborado na MC-24, contempla o pedido de Maria para que acudisse os patrocinadores das Bodas de Canã, já que o vinho escasseara. Jesus lhe responde: “que importa isto a mim e a ti, mulher? Ainda não chegou minha hora”. Não cabe a tradução mais corrente, “o que tenho eu contigo”, que aparenta oposição entre os dois interlocutores. E a palavra “mulher” não tem conotação desrespeitosa. Seria sinônimo, nos dias atuais, de “senhora”. E nem ela entendeu como recusa, pois que na sequência determina aos serviçais fazerem tudo que ele mandar (Jo 2:3-5). E a transmutação de água em vinho primoroso acontece. Estava Jesus ali acompanhando sua mãe e família, numa interface entre o privado e o público. Não chegara ainda a ocasião de iniciar seu ministério galileu. Porém, como prova de que é o Espírito superior que faz a hora e não o contrário, ele, em deferência à mãe, se dispõe integrar aquele matrimônio como parte do seu ministério. Seu feito veio se agregar como mensagem simbólica. Transformara a água vulgar em água viva, que assumia, em certas ocasiões, como aquela, a feição de vinho espiritual.

A segunda passagem está narrada por Mateus, Marcos e Lucas. Acossado pela multidão, ouve de dentro da casa que lá fora sua mãe e seus irmãos lhe procuram. Como não conseguiam romper a barreira humana, decidem usar o status “de família” na intenção de facilitar a aproximação. Sua resposta é igualmente desconcertante, por parecer pouco apreço à parentela consanguínea: “quem é minha mãe e quem são meus irmãos”? E estendendo a mão para seus discípulos, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos; porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12:47-50 – MC-76).

A terceira, em consonância com a anterior, enuncia que seu trabalho com Deus vem em primeiro lugar. Ainda com 12 anos, quando seus pais se desesperaram porque o consideraram perdido, no retorno de Jerusalém a Nazaré, ao lhe encontrar repreendem-no: “Filho, por que procedeste assim conosco? Teu pai e eu te procuramos aflitos”. O jovem Jesus esclarece: “por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar no que é de meu Pai?” (Lc 2: 47-48 – MC-15). Frase que mostra total afinidade com o Sermão do Monte: “Mas buscai primeiro o reino de Deus e a perfeição dele, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33).

O conteúdo dessas passagens sobressai fácil para explicar a ênfase do acréscimo que Jesus apõe à fala da mulher. No entanto, o elogio dessa popular confirma a inspiração de Maria ao ser enaltecida por carregar o bendito fruto no seu ventre. Disse



Por uma cultura de paz

ela: “Pois de ora em diante todas as gerações me chamarão de bem-aventurada; porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é seu nome” (Lc 1:48-49).

2. Quando é possível receber a graça divina, a bem-aventurança?

O Cristo, por não perder sua conexão com a essência divina, aproveita toda oportunidade para traduzir, em palavras, sua missão: “cuidar das coisas que são de meu Pai”.

Se a mulher engrandece sua mãe na Terra, ele precisa destacar a grandeza daquilo que lhe salta à frente. Isto é, a condição dos que ouvem o ensino de Deus. Tendo vindo trazer o curso de Deus, fez-se a ocasião de o afirmar em gesto e palavras. Engrandece não só o valor do tempo presente, como também o de todo aquele que nele vive para receber o ensino de Deus. E, sobretudo, se o assimilasse na sua integridade. Assim, todos que se despertam, incluindo aquela mulher, adiantavam-se à maternidade proporcionada por Maria, mas não à própria que, com certeza, já era uma desperta para as verdades do Reino.

Ele já deixara explicitado, no Sermão do Monte, quem eram os bem-aventurados: os simples (os pobres de espírito); os sofridos (os que choram); os pacíficos (os mansos); os injustiçados (os sequiosos de justiça); os solidários (os misericordiosos); os puros (os limpos do coração); e os agentes da paz (os pacificadores).

Dois destes estão na condição passiva, recebendo as durezas que vêm do entorno – os sofridos e os injustiçados. Três mostram seu estágio espiritual de evolução – os simples, os puros e os pacíficos. E dois, em posição ativa – os solidários e pacificadores –, são o que arregaçam as mangas para o trabalho de regeneração do planeta.

Aqueles que acusam o sofrimento, seja por causa da dor física seja em decorrência da dor psíquica, ou produzida pelo comportamento alheio, quando em bem-aventurança, conhecem-no como fruto do resgate cármico necessário, e o aceitam.

A simplicidade, a paz e a pureza, virtudes operosas do Sermão do Monte, atestam o quilate dos Espíritos que alcançaram os píncaros da evolução. Dispondo destas excepcionais qualidades, contornam montanhas economizando tempo, energia e emoção. Encontram um jeito fácil de viver. Harmonizam-se com os desafios e provocações enquanto esperam a tempestade passar. E libertos da jaça que encarde a alma não se perdem no calor das paixões.

Os outros que, pela compaixão, pautam sua ação solidária, ou que não medem esforços na promoção da paz entre os irmãos, são os cooperadores indispensáveis para que o planeta se transforme em morada do Reino.



Por uma cultura de paz

Depois de ter realçado essa plêiade de bem-aventurados, o Cristo agregou mais um astro. Trata-se do indivíduo que, deixando-se fertilizar pela palavra de Deus, redireciona sua conduta moral e prática. Presencia a bem-aventurança a permear seus minutos e segundos, em forma de graça divina.

141.4 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. O que me cabe realizar para obter a graça?

Ouçó agora, Mestre querido, o teu ensino que vem de Deus. E bem-aventurado sou.

Aceito os espinhos da minha jornada como parte daquilo que, iludido, outrora plantei. Em regime de convivência íntima com eles, aprendo a reformular meus propósitos.

As adversidades impostas pela convivência de que tendo a me queixar não são injustiças que me batem à porta, mas o constrangimento que me faz enxergar mais adiante.

Mirando o teu sóbrio estilo de vida, descubro a simplicidade como riqueza incomensurável. Ajude-me a ser modesto e despojado.

Vislumbro também em ti a paz que ultrapassa todo entendimento. É forte, inteira e abrangente. Abro-me para que fertilizado por ela, expire serenidade no olhar, amorosidade na fala e cuidado na ação.

E a tua exemplar pureza d'alma também quero conquistar. Fazer do meu raciocínio uma linha reta e objetiva, da palavra, uma utilidade que coopera, e do comportamento, gestos revolucionários.

Exercitar-me para que o olhar esteja dirigido pela misericórdia, vendo em todas pessoas irmãos em Deus. E assim, estar pronto para plantar a paz no mundo.

É a graça que indicaste nascendo no coração.

141.5 Versículo(s) para a meditação: Lucas 11:28.

Mas ele respondeu: "Felizes, antes, os que ouvem o ensino de Deus e que despertam"

RedeUnaViva: Meditação Cristã 142 – paragem 334 – 04.06.17
LUCAS 11:37-41